

Sujeito, enunciação e discurso: algumas reflexões

p. 18 - 29

Liana Cristina Giachini ¹
Kelly Fernanda Guasso da Silva ²

Resumo

Neste trabalho, realizamos um estudo comparativo a partir dos princípios linguísticos estabelecidos por Émile Benveniste [(1966) 2005] e Michel Pêcheux [(1975) 2009] em torno da categoria de sujeito. Para tanto, partimos da leitura de duas obras relevantes publicadas por esses autores, a saber: *Problemas de linguística geral I*, de Émile Benveniste [(1966) 2005], e *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Michel Pêcheux [(1975) 2009]. Numa perspectiva discursiva, buscamos levar em conta rupturas, aproximações e distanciamentos entre as teorias propostas por esses autores, no que concerne à noção teórica de sujeito, compreendendo que ambos provocaram deslocamentos e avanços na ciência linguística, ainda que falassem de lugares teóricos distintos.

Palavras-chave: Sujeito; Enunciação; Discurso.

SUBJECT, ENUNCIATION AND DISCOURSE: SOME REFLEXIONS

Abstract

In this paper, we have performed a comparative study from the linguistic principles established by Émile Benveniste [(1966) 2005] and Michel Pêcheux [(1975) 2009] about the subject category. In order to do so, we have departed from two relevant pieces of work published by the aforementioned authors, namely *Problemas de linguística geral I*, by Émile Benveniste [(1966) 2005], and *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, by Michel Pêcheux [(1975) 2009]. Under a discursive perspective, we have tried to consider the ruptures, approximations and detachment between the theories proposed by these authors, concerning the theoretical notion of subject, considering that both have brought about detachments and advances in the linguistic science, despite their distinctive theoretical approaches.

Keywords: Subject; Enunciation; Discourse.

Introdução

“Eu não sou eu nem sou o outro,
Sou qualquer coisa de intermédio [...]”
(Mario de Sá Carneiro)

Não há como não pensarmos na
multiplicidade de sentidos produzidos em torno
da palavra sujeito, no intermédio, no entremeio
dos campos disciplinares que constituem o

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos (UFSM). Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), na área de Práticas discursivas e subjetividade.

² Mestranda em Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria - PPGL/UFSM, com ênfase em análise linguística e Análise de Discurso.

discurso científico e por ele são constituídos. Seja na Psicologia, na Antropologia, na Psicanálise, ou na Ciência Linguística, muitos pesquisadores têm se debruçado em compreender essa noção teórica que desliza e provoca deslocamentos conforme o olhar sob o qual é analisada. Nesse movimento, levando em conta rupturas, aproximações e distanciamentos, é que nos propomos pensar o sujeito.

Assim, partindo de uma perspectiva discursiva, realizaremos um estudo comparativo a partir dos princípios linguísticos estabelecidos por Émile Benveniste [(1966) 2005] e Michel Pêcheux [(1975) 2009] em torno dessa noção teórica: a categoria de sujeito. Tal contraste se dá porque, desde Benveniste até chegar a Pêcheux, configuraram-se (re)significações teóricas em relação a essa noção, abarcando, inclusive, a categoria de pessoa. Em outras palavras, passa-se da consideração de que o sujeito é o centro de seu dizer à ideia de que elementos como ideologia, inconsciente e condições de produção vêm a contribuir e influenciar na constituição do sujeito do discurso. Importante ressaltarmos, porém, que não há um corte temporal específico que marque uma ruptura entre essas noções teóricas, uma vez que elas convivem no âmago da Ciência Linguística, sob diferentes perspectivas, produzindo efeitos de sentidos.

No que se refere à metodologia, nosso percurso se organiza em dois momentos principais. Inicialmente, apresentaremos o quadro teórico a ser considerado, ou seja, o trabalho de Émile Benveniste [(1966) 2005] no livro *Problemas de linguística geral I*, buscando-se a concepção referente ao sujeito, já que esse pode ser tomado como um dos primeiros linguistas a discutir as questões subjetivas na linguagem; a seguir,

passaremos ao livro *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*, de Michel Pêcheux [(1975) 2009]³, devido aos deslocamentos propostos por esse autor em relação à constituição do sujeito do discurso, em sua teoria não subjetiva da subjetividade, que se ancora nas noções de ideologia, língua e inconsciente. Esse percurso inicial se faz necessário para que seja realizada a comparação entre os discursos sobre a categoria de sujeito que são apresentados nessas obras, bem como para que seja possível compreender as concepções relacionadas às questões do sentido, que são constitutivas da categoria de sujeito.

De Benveniste a Pêcheux: o percurso de um discurso sobre o sujeito

Da perspectiva da Análise de Discurso filiada aos trabalhos de Michel Pêcheux, compreender a constituição do sujeito é condição primordial para analisar o processo de produção de sentidos. Assim, entendendo que não há como pensar as noções nas quais hoje nos detemos sem voltarmos nosso olhar ao passado teórico – que Auroux (2008) chama de horizonte de retrospectão –, buscamos recuperar discussões acerca da constituição da categoria de sujeito. Nesse movimento de retomada, cuja finalidade é valorizar o passado e entender o presente de uma língua da/na qual se é sujeito e, ao mesmo tempo, assujeitado, definir a categoria de sujeito é uma proposta complexa. Por entendermos nossas limitações, neste trabalho, definimos como foco o olhar de dois estudiosos: Benveniste e Pêcheux.

Faz-se essencial, ainda, distanciarmos o sujeito que nos interessa, tanto daquele biológico quanto daquele gramatical, representado pela “unidade ou sintagma nominal que estabelece

3 É importante ressaltarmos que a escolha dessa obra pecheuxtiana em especial recai sobre sua importância teórica para a constituição da Análise de Discurso, ainda que não seja a primeira publicação do autor.

uma relação predicativa com o núcleo verbal para constituir uma oração” (BECHARA, 2009, p. 409). Apresentamos aqui considerações acerca da categoria de sujeito no sentido de “transbordar” esses conceitos, porque consideramos o sujeito do discurso – sendo o discurso uma prática social, e o sujeito um resultado dos processos sociais, historicamente constituído.

Compreendendo a noção teórica de discurso *sobre* como aquele que permite organizar as diferentes vozes presentes em um discurso acerca de determinado tema/assunto em questão Orlandi (2008), consideramo-la essencial em nosso estudo. Isso porque entendemos que o discurso *sobre* pode ser considerado um ponto de vista assumido por um sujeito acerca de determinado assunto e, por isso, tem a possibilidade de produzir sentidos contraditórios, uma vez que, “ao mesmo tempo em que ele funciona na recuperação de uma memória (organizando elementos próprios do ‘discurso de’), ele corre o risco de reduzir esta memória a um acúmulo de informações sobre o passado” (PETRI, 2004a, p. 29). Nesse sentido, considerar o discurso *sobre* o sujeito é assumir um ponto de vista sobre a categoria de sujeito em meio à heterogeneidade terminológica que atravessa o discurso da ciência linguística produzindo deslocamentos. Desse modo, entendemos que há uma multiplicidade de dizeres em circulação, que se caracterizam como discurso sobre: o discurso de Pêcheux e Benveniste sobre a categoria de sujeito é atravessado, portanto, pelo discurso da Ciência Linguística (representada por pesquisadores diversos) sobre os dizeres de Benveniste e Pêcheux acerca dessa categoria, entrelaçando-se para produzir sentidos em determinadas condições de produção sócio-histórico-ideológicas.

Os estudos de Benveniste, quanto ao sujeito, são trazidos à baila quando da publicação da primeira edição em francês do livro *Problemas de Linguística Geral I* [BENVENISTE, (1966) 2005],

em que o autor analisou, entre outros pontos, a constituição da categoria de sujeito na língua, e é por isso que a sua Teoria da Enunciação é aqui abordada. Nessa teoria, o autor propôs as noções de enunciação e de locutor, sendo a enunciação o “contrato” estabelecido durante a fala, e o locutor a pessoa que assume a fala no momento do discurso. A respeito do trabalho de Benveniste, Normand (2007, p.14) afirma que ele:

[...] libertou os linguistas presos à sujeição da teoria saussuriana. Ele lhes deu a subjetividade, o mundo e o discurso que o contém; reatou com a filosofia, encontrou a psicologia social e a pragmática; reencontrou a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma linguística diferente!

Acerca das contribuições de Benveniste, destacamos algumas questões teóricas norteadoras deste trabalho, como a ideia trazida em *Problemas de Linguística Geral I* [(1966) 2005] de que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como ‘sujeito’; porque só a linguagem fundamenta na realidade [...] o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifos do autor); ou seja, de acordo com o autor, o homem se constitui como sujeito na e pela linguagem. Na análise de Guimarães (1998, p. 110), é por se constituir linguisticamente que o sujeito concebido por Benveniste se afasta do sujeito pragmático, pois o “sujeito pragmático é o sujeito que tem intenções e, no momento da enunciação, as comunica por aquilo que diz”.

Pretendemos “adentrar o espaço das questões historicamente construídas” (PETRI, 2010, p. 26) e reconhecer nesse lugar aquilo que se faz recorrente e que, por um efeito ilusório de neutralidade, conduz à produção de sentidos; para tanto, inicialmente, consideramos que: em Benveniste (2005, p. 286, grifos do autor), por exemplo, tem-se que o sujeito só se estabelece como tal por meio da presença de um interlocutor.

Nas palavras do autor: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego ‘eu’ a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um ‘tu’”.

Apreendemos, assim, que Benveniste [(1966) 2005] concebe o sujeito constituído como tal pela fala e a partir do outro, propondo, desse modo, a relação comunicativa do “eu” (o sujeito) com o “tu” (o outro). A subjetividade teorizada por esse linguista é a capacidade de o locutor inserir-se e assumir-se como sujeito em um discurso. Essa questão é contrastante, uma vez que se tem, a partir dela, um ponto de dissonância entre os estudos enunciativos e os estudos discursivos, porque Benveniste considera especialmente a instância da linguagem verbal humana como possibilitadora da instituição do sujeito.

No que concerne à teoria da enunciação, é importante retomarmos a questão de que Benveniste (2005, p. 280, grifos do autor) recorre à categoria da dêixis para relacionar o discurso produzido com seu locutor: “original e fundamental o fato de que essas formas ‘pronominais’ [eu, aqui, agora] não remetem à ‘realidade’ nem a posições ‘objetivas’ no espaço e no tempo, mas à enunciação, cada vez única, que as contém, e reflitam assim o seu próprio emprego”. Dessa forma, podemos afirmar que, para Benveniste, os dêiticos, por si só, são signos vazios de significado, que não correspondem a uma realidade e que somente se tornam plenos de significância na instância do discurso, ou seja, sujeito e discurso se constituem simultaneamente no momento da enunciação. Por outro lado, em outro momento teórico específico, quando Pêcheux (2009, p. 178-179, grifos do autor) defende o processo materialista de análise, afirma que “a repetição *idealista* da forma-sujeito caracterizada pela coincidência do sujeito consigo mesmo (eu/aqui/agora) no ‘visto’ de uma cena, na evidência da experiência de uma situação [...]

que pode ser transferida [...], a qualquer sujeito” não configura a transparência do sentido que se propõe no discurso; contrariamente ao que afirmou Benveniste [(1966) 2005], como se pode perceber.

Na Análise de Discurso, entendemos que o sujeito também se significa na/pela linguagem não-verbal, uma vez que o sujeito se faz sujeito produzindo sentidos por meio do corpo, da arte, da Arquitetura ou do próprio silêncio. Assim, o sujeito é constituído em suas relações com a história, simbolizando-se para significar, ou seja, conforme Orlandi (2014, p. 77) os sujeitos “atravessam processos estabelecidos e se metaforizam, se subjetivam de outras maneiras, em outras formas significantes”. Além disso, em seu constructo teórico, a Análise de Discurso, considerando a teoria materialista, critica o objetivismo abstrato (a língua como sistema neutro, abstrato) e o subjetivismo idealista (o sujeito como centro e causa de si), porque acredita que a língua não funciona fechada em si mesma, uma vez que é atravessada pela ideologia, pelo inconsciente e pelo interdiscurso. Tais questões permitem que concordemos com Henry (1992, p. 188), quando afirma que “o sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, sujeito da ideologia e sujeito do desejo inconsciente, e isso tem a ver com o fato de nossos corpos serem atravessados pela linguagem antes de qualquer cogitação”.

Entretanto, apesar dessas dissimetrias entre as teorias e ainda que os autores advenham de lugares teóricos distintos, apontamos a seguir uma aproximação teórica entre os autores, ao trazer a ideia de duas pessoas no discurso. Pêcheux traz a ideia de tomada de posição-sujeito, na ideia de ilusão de completude e consciência acerca de seu dizer, sempre afetado pela alteridade, ou seja,

[...] a marca do inconsciente como ‘discurso do Outro’ designa no sujeito a presença eficaz do ‘Sujeito’, que faz com que todo

sujeito 'funcione', isto é, tome posição, 'em total consciência e liberdade', tome iniciativas pelas quais se torna 'responsável' como autor de seus atos, etc. (PÊCHEUX, [(1975) 2009], p. 159).

Segundo Benveniste [(1966) 2005], o sujeito do discurso funciona como o centro do dizer, uma fonte de criação de enunciados no exercício da língua, embora esse sujeito só exista em uma relação de contraste entre duas pessoas discursivas. Pêcheux [(1975) 2009], por sua vez, propõe a existência de representações imaginárias produzidas pelo interlocutor, tanto de si quanto do outro, acerca dos lugares discursivos. A esse respeito, consideramos interessante a reflexão de Guimarães (1998, p. 111), quando compara a teoria benvenistiana à Análise de Discurso, apontando que, “na medida em que este campo trata o sujeito como constituído pela atividade de linguagem, ele se aproxima, em certa medida, da posição de Benveniste. Mas se distancia, por outro lado, de Benveniste, na medida em que para este o sujeito é uno e homogêneo”. Essas aproximações vão além, uma vez que, como se explicitará a seguir, a reversibilidade, proposta por Benveniste [(1966) 2005, p. 253] como “o que ‘eu’ define como ‘tu’ se pensa e pode inverter em ‘eu’, e ‘eu’ se torna um ‘tu’”; também será considerada por Pêcheux [(1975) 2009], já que, a partir de sua leitura, podemos entender que a constituição do sujeito e dos sentidos está atrelada às condições de produção de um discurso, bem como à formação ideológica do sujeito. Isso se dá, conforme o autor, porque:

[...] as palavras, expressões, preposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem [PÊCHEUX, (1975) 2009, p. 146-147].

Na teoria formulada por Benveniste [(1966) 2005, p. 280], como já afirmamos, os dêiticos são palavras vazias de sentido, que se referem ao momento da enunciação, utilizadas para se referir à pessoa (eu), ao tempo (agora) e ao espaço (aqui). Assim, “a dêixis é contemporânea da instância do discurso que contém o indicador de pessoa; dessa referência o demonstrativo tira o seu caráter cada vez único e particular, que é a unidade da instância do discurso à qual se refere”. Em contrapartida, o quadro teórico construído por Pêcheux (1993, p. 82) concebe o discurso como “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, ou seja, entre interlocutores. É importante ressaltar, ainda, que a proposição pecheuxtiana se afasta da ideia de transmissão de informações entre A e B, uma vez que os sentidos sempre estão propensos a deslizamentos que podem levá-los a ser outros, ainda que em mesmo lugar, daí a noção “efeitos de sentido”.

Petri (2004a, p. 34) nos auxilia na compreensão de que “esse efeito é produzido a partir da determinação de lugares sociais que os sujeitos ocupam”. Segundo a autora, “é preciso levar em conta, ainda, que a ideologia é um dos elementos determinantes [...] unindo-se a ela [...] as condições de produção do discurso, que são históricas”. Em nosso ver, ao apresentar esse esvaziamento do pronome, Benveniste permite-nos, com Pêcheux, pensar a questão da alteridade na constituição do sujeito, uma vez que aponta a presença do outro, ao se reportar à definição de Rimbaud, referindo-se à alienação.

De fato uma característica das pessoas “eu” e “tu” é a sua unicidade específica: o “eu” que enuncia o “tu” ao qual “eu” se dirige são cada vez únicos. “Ele”, porém, pode ser uma infinidade de sujeitos - ou nenhum. É por isso que o je est un autre [= “eu é um outro”] de Rimbaud fornece a expressão típica do que é propriamente a “alienação” mental, em que o eu é destituído de sua identidade constitutiva (BENVENISTE, 1991, p. 253).

Relacionamos essa “alienação” à noção pecheuxtiana de interpelação ideológica, e acreditamos que a partir dela se dá um dos maiores distanciamentos da teoria da enunciação em relação a Pêcheux, uma vez que, ao afirmar que o sujeito se constitui na e pela língua e que é interpelado ideologicamente, o autor se afasta da noção benvenistiana de centralidade do sujeito. No que concerne à ideologia, dentre tantos outros conceitos propostos, Pêcheux [(1975) 2009] afirma, calcado nos ideais althusserianos, que seu funcionamento se realiza por meio das formações ideológicas (e, especificamente, através do interdiscurso) e fornece a cada sujeito a sua “realidade”. A ideologia, nesse viés, interpela o sujeito a significar-se no discurso, bem como, mesmo inconsciente, ela se faz presente ao sujeito por um efeito de neutralidade.

Quando Mazière (2007) considera a importância da noção em evidência neste estudo como referência obrigatória, explicita que a categoria de sujeito só pode ser apreendida na/pela sua relação com determinado discurso, ou seja, “[...] o sujeito da AD é um “lugar de sujeito” em uma abordagem dessubjetivada. De fato, ele não pode ser apreendido, a não ser no interior de cada uma das buscas do analista, em função de seu desígnio interpretativo e de sua posição quanto à língua” (MAZIÈRE, 2007, p. 22).

Nesse viés, a noção de sujeito de acordo com a Análise de Discurso não pode ser considerada idêntica à noção desenvolvida por Benveniste, uma vez que está inscrita na história, é dotada de inconsciente e é atravessada pela ideologia. Esse “lugar de sujeito” pode ser visto como resultante do fato de a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetuar pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina. A saber, a FD determina o que pode e deve ser dito, ao passo que a formação ideológica (FI) estabelece uma posição social,

uma conjuntura: “Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 2009, p. 147). O interdiscurso, por sua vez, determina a FD, porque é constituído de todo o já dito: “[...] o interdiscurso aparece como puro ‘já dito’ do intradiscurso, no qual ele [o sujeito] se articula por ‘correferência” (PÊCHEUX, 2009, p. 154, grifos do autor).

Para Pêcheux (2009, p. 139, grifos do autor), a ideologia e o inconsciente produzem “um tecido de *evidências ‘subjetivas’*, devendo entender-se este último adjetivo não como ‘que afetam o sujeito’, mas ‘nas quais se constitui o sujeito’”, sendo assim, a constituição do sujeito perpassa por evidências tal como a ideologia e o inconsciente, que poderão ser percebidas no discurso desse sujeito.

Na Análise de Discurso, valemo-nos, ainda, da noção de forma-sujeito, isto é, o indivíduo social resultado de processos institucionais de individualização e não o sujeito biológico ou psicológico. De acordo com Orlandi (2010, p. 18), “a forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo agente das práticas sociais”. Guimarães (2003, p. 22) também faz questão de definir qual a concepção de sujeito a ser considerada por ele e, desse modo, pela teoria enunciativa: “os falantes não são as pessoas na atividade físico-fisiológica, ou psíquica, de falar. São sujeitos da língua enquanto constituídos por este espaço de línguas e falantes que chamo espaço de enunciação”. A questão é, portanto, que se deve diferenciar o sujeito empírico daquele resultado dos processos político-sociais, pois é somente este último que figura no espaço de enunciação discursivo.

A enunciação teorizada por Benveniste [(1966) 2005], portanto, também é um elemento relacionado por Pêcheux (2009, p. 159, grifos

do autor) como constitutivo do sujeito, por possibilitar a sua tomada de posição: “as noções de *asserção* e de *enunciação* estão aí para designar, no domínio da ‘linguagem’, os atos de tomada de posição do sujeito, enquanto sujeito-falante”. Contudo, ressaltamos que Pêcheux advém de uma linha teórica diferente e que a sua noção acerca do conceito é ampliada, uma vez que elementos como a ideologia, o inconsciente, a história e as condições de produção atravessam o sujeito aqui considerado.

Entendemos, assim, que os dizeres em parte se mantêm, ainda que não em nível vocabular, mas em nível semântico. Percebemos que os sentidos ressoam e que o que foi afirmado anteriormente por Benveniste [(1966) 2005] a respeito da categoria de sujeito pode ser observado de modo reformulado em Pêcheux. O que se afirma aqui perpassa a questão dos *esquecimentos nº 1 e nº 2* – propostos por Pêcheux [(1975) 2009, p.161-162] – que são, na Análise de Discurso, um fato importante para a constituição do sujeito e dos sentidos sobre o sujeito:

Concordamos em chamar esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo o sujeito falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase [...].

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. [PÊCHEUX, (1975) 2009, p.161-162]

O indivíduo, portanto, coloca-se na origem do que diz para ser chamado à existência e interpelado em sujeito, ou seja, supõe-se aí uma articulação entre ideologia e inconsciente e produz-se um tecido de evidências subjetivas. A esse respeito, Orlandi (2010) afirma que é pelo

esquecimento do que o determina que o sujeito do discurso se constitui, porque ele “precisa” ter a ilusão de ser a origem do seu dizer (esquecimento nº1), bem como a ilusão da literalidade/realidade do seu dizer (esquecimento nº2) para se significar.

Outro elemento inerente à constituição da categoria de sujeito é o assujeitamento (“submissão”) da língua na história e, conseqüentemente, a possibilidade de ser sujeito, porque o indivíduo está sujeito à língua, à história, à ideologia e ao inconsciente para assumir a palavra e, portanto, produzir sentidos: “o sujeito não é livre, ‘ele é falado’, isto é, dependente, dominado. O conteúdo do texto difere, mas qualquer que ele seja, a dependência do sujeito ao texto, sua determinação pelo texto, estão asseguradas” (HAROCHE, 1992, p. 158, grifos da autora). É entre o possível e o historicamente determinado que trabalha a teoria discursiva; desse modo, consideramos, também, a noção de condições de produção como uma questão fundamental, porque é sob determinadas circunstâncias temporais e espaciais, bem como pelo atravessamento da ideologia e do inconsciente que o sujeito adquire a possibilidade de significar-se na língua por meio da fala ou da escrita. Essa forma de assujeitamento é o meio pelo qual se dá a manutenção e a reprodução dos modos de produção por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, apontados por Althusser (1970) como responsáveis pela reprodução do modo de produção do capital, compondo a superestrutura ideológica que assegura essa reprodução.

Algumas considerações sobre discurso e interdiscurso

Eis um fato implacável da linguagem: tudo já foi dito! Compreendemos que não é necessária/ possível a literalidade, ou seja, o uso perpétuo dos mesmos vocábulos para significar as mesmas

coisas, e existem processos linguístico-discursivos, como a paráfrase e a ironia, por exemplo, que comprovam as possibilidades da língua. Até mesmo o não-dito significa – e muito – no discurso. Dessa forma, o uso da linguagem por determinado sujeito falante – pressupondo um interlocutor – permite uma análise, ou múltiplas análises, dependendo sempre dos atributos teóricos e metodológicos à disposição do analista. A Análise de Discurso, por exemplo, alerta para o fato de que noções como a de interdiscurso, ideologia, inconsciente, história, assujeitamento e condições de produção estão sempre presentes na produção de um discurso.

O interdiscurso, então, recebe destaque nesta parte de nosso estudo por ser uma das noções caras à Análise de Discurso no que se refere à constituição do sujeito. Pêcheux (2009, p. 154-155, grifos do autor) afirma que “o interdiscurso aparece como o puro já-dito [...] a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui um de seus fundamentos”.

Em busca de definições, consideramos ainda as palavras de Petri (2004a, p. 40), quando afirma que o interdiscurso é o lugar onde estão todos os sentidos possíveis, “mas [que] só vão significar quando convocados por uma determinada FD”. Os sentidos que podem ser mobilizados por um sujeito, portanto, estão inscritos em um lugar formado por todo o já-dito. Nesse âmbito, o interdiscurso é “moldado” pela FD – que determina o que pode e o que deve ser dito por um sujeito.

O interdiscurso, portanto, é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as palavras façam sentido agora é preciso que elas já façam

sentido antes. E isso é efeito do interdiscurso: “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, se apague na memória para que passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (ORLANDI, 2009, p. 33-34). Não se pode abster do fato de que o sujeito da Análise de Discurso é atravessado não só pela ideologia e pelo inconsciente, mas também pelas questões que o constituem, como por exemplo, a história, as condições de produção e de leitura, o interdiscurso etc. A esse respeito, Petri (2004b, s.p.) conclui e auxilia a avaliar que:

[...] admitir a noção de sujeito atravessado pela ideologia e dotado de inconsciente, que passa de indivíduo a sujeito para poder manifestar-se no mundo social do qual é parte constitutiva, implica a ampliação do campo teórico e metodológico dos estudos sobre o sujeito na linguagem. É preciso por em relação de tensão as questões relativas à linguagem e as questões anteriormente discutidas apenas pelas ciências de formação social - tais como as noções de história, de ideologia, de inconsciente, para destacar algumas - numa busca incessante da desconstrução do modelo de compartimentalização do conhecimento científico, que reinou absoluto durante muito tempo.

Defendemos aqui, portanto, a importância do ato de refletir sobre a categoria de sujeito devido à possibilidade de romper com/(re)significar o já estabelecido. Nesse sentido, enquanto Benveniste⁴ faz a teoria linguística avançar em relação ao que propõe Saussure, no Curso de Linguística Geral, considerando as marcas do sujeito na língua – uma vez que define a enunciação como o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” –, a teoria discursiva pecheuxtiana apresenta outro lugar teórico e metodológico a partir das noções que mobiliza, ampliando as possibilidades de leitura do sujeito que se

4 “Longe de desfazer as oposições saussurianas, ele as complica, as reformula, constrói outras, de maneira a retomar o que foi primeiro excluído, o referente e o sujeito, passo necessário se se leva a sério o fato de que numa frase alguém fala de alguma coisa para alguém” (NORMAND, 1996, p.139).

constitui na/pela língua. A fim de fortalecer nossa busca pelos discursos sobre a língua e o sujeito, recuperamos as palavras de Saussure [(1916) 2006], quando considera a condição da linguagem. O referido linguista afirma que “a linguagem implica, ao mesmo tempo, um sistema estabelecido e uma evolução: a cada instante, ela é uma instituição atual e um produto do passado” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 16). Reforçando essa ideia, mas dispondo de outro conceito em relação à categoria de sujeito, Pêcheux [(1975) 2009, p. 149] diz que tudo já foi dito antes, em outro lugar:

[...] o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas.

Como já foi afirmado anteriormente, tudo já foi dito, ainda que de outra maneira, e essa questão se refere ao interdiscurso inerente à produção de sentidos, pois um discurso sempre é atravessado não só por tudo que já foi produzido antes (o pré-construído), mas também pela história, pela ideologia e pelas condições de produção. Sendo assim, o sujeito, quando assume uma posição-sujeito no discurso, precisa recuperar as relações com a língua, já estabelecidas pelos outros sujeitos do seu contexto sócio-histórico.

Seria impossível e inviável que cada sujeito, ao assumir um discurso, precisasse criar palavras e combinação de palavras para comunicar-se; mas é pela ilusão de ser a origem do seu dizer e pela ilusão da literalidade/realidade do seu dizer que o sujeito do discurso se constitui – são os esquecimentos nº1 e nº2 referidos por Pêcheux [(1975) 2009, p. 161-162), aos quais nos

referimos anteriormente. O indivíduo, portanto, coloca-se na origem do que diz para ser chamado à existência e interpelado em sujeito, ou seja, supõe-se aí uma articulação entre ideologia e inconsciente e produz-se um tecido de evidências subjetivas. Nesse sentido, acrescenta-se a questão de que o sujeito se assujeita à linguagem para que as práticas sociais se efetivem e, ao mesmo tempo, é assujeitado, pois a linguagem é o que permite o diálogo entre os interlocutores. A partir de Pêcheux [(1975) 2009] e de Petri (2004a; 2004b), entendemos, portanto, que a questão de o sujeito ser a origem do seu dizer é uma ilusão (necessária), uma vez que, além de assujeitado à ideologia, ele é atravessado pelo inconsciente.

Considerações finais

As discussões desenvolvidas neste trabalho nos permitiram considerar, ainda que de forma breve, algumas das noções cunhadas ou (re) significadas por dois estudiosos de renome no campo da Linguística. Compreendemos que tanto Émile Benveniste quanto Michel Pêcheux apontam que o sujeito se constitui como tal a partir do outro: Benveniste sugere a relação do “eu” (o sujeito) com o “tu” (o outro), ao passo que Pêcheux refere a constituição do sujeito à ideologia, que se significa a partir do interdiscurso e do inconsciente (o discurso do outro). Sendo assim, a subjetividade proposta por Benveniste ([1966] 2005) é a capacidade de o locutor se propor como sujeito, enquanto a pensada por Pêcheux [(1975) 2009] desloca a noção de eu e tu para uma relação entre os pontos A e B, via discurso. Assim, em nossa concepção, a alteridade está presente em ambas as teorias, ainda que de forma diversa.

Ainda no âmbito de aproximações entre as teorias benvenistiana e pecheuxtiana, percebemos que tanto Benveniste ([1966] 2005) quanto

Pêcheux ([1975] 2009) recorrem à enunciação para definir a constituição do sujeito, pois é por meio de um “contrato comunicativo” que ocorre uma tomada de posição e, conseqüentemente, a individualização do sujeito. São diferentes modos de trazer à tona a categoria de sujeito nos estudos da linguagem. Concordamos com Guimarães (1998, p 111), quando aponta a necessidade de marcar o lugar de onde se fala, especialmente quando se utilizam as noções de sujeito na perspectiva benvenistiana e pecheuxtiana, uma vez que – apesar das aproximações – há distanciamentos significativos, especialmente no que concerne à centralidade e unidade do sujeito. Para esse autor “a não consideração desta diferença, produziu, no Brasil, em certos trabalhos, a aproximação, também sem ter em conta as diferenças teóricas envolvidas, de análises da subjetividade na língua a análises discursivas”, o que gera conflitos teóricos e inconsistência das análises realizadas.

Ainda em relação às oposições, consideramos a subjetividade uma questão contrastante entre os estudos enunciativos e os estudos discursivos, porque, enquanto Benveniste considera apenas a instância da linguagem verbal humana como possibilitadora da instituição do sujeito, Pêcheux entende que o sujeito também se significa por meio da linguagem não-verbal. Para a AD, segundo Orlandi (1995, p. 36), abordagens como a de Benveniste “produzem uma assepsia do não-verbal”, pois podem induzir à conclusão de que é somente a língua oral que permite a comunicação; ou seja, as questões não explicitadas no discurso também produzem sentidos, uma vez que a ideologia, o inconsciente e as condições de produção, por exemplo, atravessam o sujeito e o discurso a ser analisado.

Para nós, as noções trazidas pela Análise de Discurso, em especial sendo aqui considerados os autores Michel Pêcheux (1993; 2009), Eni Orlandi (1995) e Verli Petri (2004a; 2004b; 2010),

têm muito a adicionar ao que até então se tem considerado no âmbito dos estudos linguísticos. A Análise de Discurso responde a muitas questões que, em um primeiro momento, podem se apresentar confusas, se está sendo seguida uma linha de estudos positivista em relação aos fatos. Porém, essa disciplina de interpretação parece não só estimular e convidar o (seu) leitor a desconfiar do que está posto no discurso, ao acenar para as possibilidades da língua, como também atentar a ele e ao analista para o fato de que sempre existirá a ideologia, o inconsciente, o interdiscurso, a história, o assujeitamento e as condições de produção agindo sobre o sujeito produtor de um discurso.

Em nosso ver, Pêcheux ([1975] 2009) trouxe contribuições relevantes nesse âmbito, já que, na Análise de Discurso, o sujeito do discurso assume o seu papel em relação ao(s) seu(s) interlocutor(es) sempre influenciado por questões históricas, ideológicas, linguísticas e psicanalíticas. Ao se transpor a questão de o sujeito ser o centro e a origem do seu dizer, que é uma máxima na teoria benvenistiana e uma ilusão (necessária) na teoria pecheuxtiana, pode-se apreender que considerar o sujeito o resultado de um processo social historicamente determinado requer a concepção de que: além de não ser a origem de seu dizer, ele é dotado de inconsciente e interpelado pela ideologia. A determinação do sujeito, enfim, é indispensável para o estudo do discurso, representando uma área de conhecimento que tem muito a agregar aos estudos linguísticos. Consideramos importante trazeremos à baila as contribuições trazidas pelo autor Eduardo Guimarães ao desenvolver, no Brasil, a semântica do acontecimento. Esse diálogo se dá na medida em que o autor parte das ideias de Benveniste, mas dialoga constantemente com a Análise de Discurso. Entendemos que o autor (re)significa algumas das noções

benvenistianas, ao afirmar que “[...] o tratamento da enunciação deve se dar num espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido [...]” (GUIMARÃES, 2002, p. 8) e esse pensamento contribui para a constituição de uma nova/outra concepção da enunciação.

Enfim, embora neste estudo tenhamos nos detido a apenas dois autores, compreendemos que a noção de sujeito passou por constantes (re) significações em diferentes teorias linguísticas. Concordamos com Scherer (2005, p. 10), quando afirma que “[...] cada época tem suas convenções, valores, visões do mundo, formando um certo universo linguístico-acadêmico, cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais, em constante processo de mudança”. Consideramos que o sujeito é afetado pelas condições de produção e, dessa forma, é interpelado ideologicamente a assumir uma posição. Assim, adotamos a máxima saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto, para reafirmarmos nossa posição de analistas de discurso – lugar que nos permite olhar para as diversas teorias como parte de um conjunto de saberes que constitui a ciência linguística – e é a partir desses saberes, constituídos em condições de produção determinadas que a noção de sujeito foi – e ainda será – (re)constituída, dada sua importância.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1970.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão de Isaac Nicolau Salum. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, [1966] 2005.

_____. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak, Maria Luiza Néri. 3.ed. Campinas: Pontes, [1966] 1991.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006.

GUIMARÃES, Eduardo. **História, Sujeito, Enunciação**. Cad. Est. Ling., Campinas, (35):109-116, Jul./Dez. 1998. Disponível em: file:///C:/Users/Liana/Downloads/8637132-6873-1-PB.pdf. Acesso em 28 set. 2015.

_____. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. A marca do nome. In: **Rua** - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp, n. 9. Campinas: Unicamp, 2003, p. 7-18.

HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. Tradução de Eni Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

MAZIÉRE, Francine. **A análise do discurso: história e práticas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: **Letras**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UFSM. n. 33. Santa Maria: PPGL/UFSM, maio/2007, p. 13-21.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Org.). **Introdução às ciências da linguagem** – Discurso e textualidade. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010, p. 11-31.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

_____. **Terra à vista** - Discurso do confronto: Velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

_____. Efeitos do verbal sobre o não-verbal. In: **Rua** - Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da Unicamp. 1. ed. Campinas: Unicamp, mar. 1995, p. 35-47.

_____. Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, n. 34, p. 74-87, jun./dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao34/artigo4.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2016

PÉCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi et al. 4. ed. Campinas: Unicamp, [1975] 2009.

_____. *Análise automática do discurso*. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso**. Tradução de Bethania Mariani et al. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1993.

PETRI, Verli. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins**. 2004. 332 p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do

Sul, Porto Alegre, 2004a. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>. Acesso em: 26 mar. 2014.

_____. Algumas reflexões sobre o sujeito nos estudos da linguagem. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, 13/14. Campinas, São Paulo: RG Editora, 2004b, s.p.

_____. Reflexões acerca do funcionamento das noções de língua e de sujeito no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. **Revista Língua e Instrumentos Linguísticos**, 23/24. Campinas, São Paulo: RG Editora, 2010, p. 25-35.

SCHERER, Amanda. *Linguística no sul: estudo das ideias e organizações da memória*. In: GUIMARÃES, E.; PAULA, M. R. B. de. **Sentido e memória**. Campinas: Pontes, 2005. p. 9-26. Disponível em: <http://corpus.ufsm.br/wp-content/uploads/2013/07/Sentido-e-mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2014.

Artigo enviado em: 31/12/2016

Aceite em: 21/02/2017